

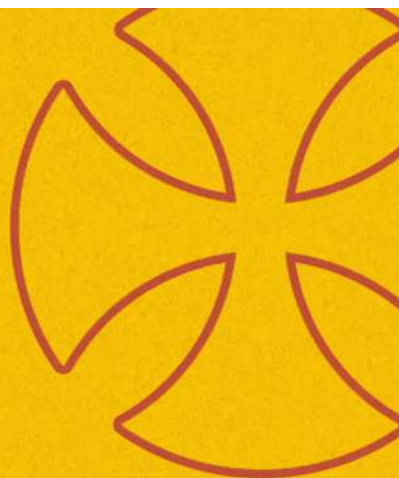
FCPF MAGAZINE

Número 122



ATÉ SEMPRE, PRESIDENTE

CARLOS BARBOSA  1963-2025



**ESTE ESPAÇO
PODE SER SEU!**

**CONTACTE-NOS ATRAVÉS DO E-MAIL
MARKETING@FCPF.PT**

EDITORIAL **POR PAULO GONÇALVES**

Volvido mais de um mês de ausência de jogos na Mata Real - entre pausa das seleções, dois jogos como visitante e uma eliminatória da Taça de Portugal - eis-nos de volta ao conforto do nosso Estádio. A saudade de pisar a relva e de sentir a vibração dos adeptos são grandes fatores extra de motivação para a partida desta tarde com o FC Porto B.

Esta partida marcará uma nova fase da equipa na Liga, após um duro ciclo inicial em que defrontou o Sporting B (1º), Vizela (2º), Leiria (4º), Torreense (6º) e Ac, Viseu (14º). Os três pontos alcançados nestes cinco jogos estão longe de satisfazerem, mas batendo-se com equipas fortes e candidatas à subida, não se pode dizer que tenha sido mau de todo. O período fora de portas terminou no último domingo na Nazaré, onde para a Taça de Portugal surgiu a primeira vitória oficial da temporada. Do jogo com o Nazarenos resultou: a passagem da eliminatória; a possibilidade de vermos atletas menos utilizados em ação; e o desbloqueio psicológico de vencer. Foi pena que pela margem mínima (1-0), pois deveria ter sido mais ampla para as oportunidades criadas, o que ajudaria a elevar a autoestima dos jogadores. O importante foi mesmo vencer e seguir em frente, até porque o sorteio da próxima eliminatória ditou a vinda à Mata Real do Sporting CP, atual detentor do troféu, em partida marcada para meados de outubro.

Por hoje, as atenções estão centradas na partida com o FC Porto B. Um jovem conjunto que também tem sentido dificuldades neste arranque de época e que na temporada transata os Castores não conseguiram derrotar (2-2 e 1-0). O foco tem de estar na vitória pacense, importante a vários níveis. Desde logo por ser a primeira, por permitir a subida na classificação e, também, porque passados três meses do início da época o grupo já tem obrigatoriamente de ter a coesão necessária para vencer jogos e praticar bom futebol. O horário (18h00) não é o melhor, mas voltar a estar em casa com os nossos adeptos tem que ser decisivo no empenho pela vitória.

A entrevista de hoje é com Tiago Ferreira, o experiente central que chegou esta temporada à Mata Real e é já um dos capitães de equipa. Um fantástico percurso por vários países e culturas permitiu-nos ficar a conhecer histórias muito interessantes do seu passado desportivo. De pedra e cal no eixo da defensiva pacense, Tiago Ferreira fala-nos da superação que tem de existir entre todos pela redefinição de objetivos num clube com a tradição do FC Paços de Ferreira.

O equipa sénior de futsal apresentou-se este fim de semana (após o fecho desta edição), pelo que trazemos também um trabalho sobre o grupo orientado pelo mister Nandinho, que parte com a legítima aspiração de subir a um patamar superior de competição. Após o desfazer do sonho na derradeira final da época passada, acredita-se que esta época o desfecho possa ser mais feliz.

Terminamos com os votos para que este seja um regresso vitorioso à Mata Real. O importante é todos lutarmos para isso. Força, Paços!

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 122 - Setembro 2025

Textos: Sara Alves e Paulo Gonçalves | Design: Sara Alves | Fotos: Telmo Mendes

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

ENTREVISTA

TIAGO FERREIRA

“Como jogadores do Paços, temos de ser exigentes connosco próprios e aceitar com normalidade a pressão e exigência dos adeptos”

Da dura aventura na Bélgica aos memoráveis anos na Roménia. Da frieza húngara ao choque cultural que enfrentou no Irão. Do futebol ainda em crescimento da Albânia ao regresso a Portugal. Tiago Ferreira recorda as experiências no futebol nacional e no estrangeiro, antes da sua chegada à Capital do Móvel – onde, neste seu primeiro ano como «Castor», se tornou um dos capitães da equipa pacense.



SOLVERDE.PT

No teu primeiro dia aqui no clube, disseste estar “de alma e coração para ajudar o Paços”. Mais ainda quando se é capitão?

Sim e não. [Risos] Isto porque uma pessoa, sendo capitã ou não, tem de estar sempre de corpo e alma. A verdade é que a responsabilidade é outra e o nosso comportamento também tem de ser outro – mas, neste caso, a alma e o coração não, porque sendo ou não capitão seria o mesmo nesse aspeto.

E este é o teu primeiro ano no clube. Foste, aliás, o primeiro reforço a chegar esta época. A boa ligação com todos os colegas e staff criou-se rapidamente?

Quando chego a um clube sou uma pessoa aberta nesse capítulo. Há sempre pessoas que têm mais dificuldade do que outras na sua integração, mas com isso não tenho muitos problemas, até pelo facto de já ter estado em vários países. Dá-me essa abertura. Então, penso que sou uma pessoa que se integra facilmente e gosto também de criar logo ligações. Acredito que a decisão de ser um dos capitães foi também por aí – e ser um dos mais experientes do plantel ajudou.

Num plantel tão jovem e com vários atletas a terem a primeira experiência na Segunda Liga (e mesmo em Portugal), jogadores experientes como tu, o Marafona, o Francisco Ramos ou o Rafael Vieira têm um papel preponderante.

Acho que em todas as equipas – e em todas as áreas – é importante haver esse mix. E esta Liga ainda pede um pouco mais isso. É importante haver experiência, mas também uma certa irreverência da juventude, que dá vivacidade a um grupo. Há muitos jogadores a fazer os seus primeiros jogos a nível profissional, muitos a virem de outro continente, e é importante ter jogadores com experiência acumulada no campeonato que os alertem e ajudem a prever o que pode acontecer em certos campos, em certas cidades. Porque jogar no Algarve é diferente de jogar em Chaves; jogar no Algarve à noite é diferente de jogar de dia. Com a experiência, temos uma visão diferente de jogo, uma maturidade diferente para todos

os momentos, e é importante. Mas temos um grupo muito bom. Os mais novos respeitam muito o que os mais velhos lhes dizem e é, realmente, um grupo muito bom.

O que é que destaca desta tua passagem pelo FC Paços de Ferreira?

Tem sido uma aprendizagem boa. Gosto de estar rodeado de atletas mais jovens, porque estamos sempre a aprender. As gerações são todas diferentes, e a geração dos 20's é já diferente da minha, e é muito giro, porque estou a aprender com eles coisas novas, e estou a gostar muito. O clube dá-nos as condições todas ao nível do treino e da logística para podermos fazer da melhor maneira o nosso trabalho, e nesse campo estou a gostar muito. Os resultados não têm acompanhado aquilo que nós merecemos, mas acredito que vão aparecer. Pela forma como trabalhamos, merecemos.

Está a ser um início mais desafiante do que o esperado?

A pré-temporada trouxe uma perspetiva diferente do clube, como é público. O clube teve de se readaptar e o seu foco mudou. Um clube com a dimensão do Paços, estando nesta divisão, tem de olhar sempre para cima, e este ano o paradigma mudou um bocadinho. Claro que para os adeptos é sempre difícil, mas é preciso entender que o clube está numa fase de reestruturação e este é um ano em que o principal objetivo é a manutenção. Sabemos que o caminho não será tão fácil, que será preciso lutar muito pelas vitórias, mas temos de nos adaptar. É desafiante. Mas sou muito positivo e acredito que vai correr bem.

A equipa conseguiu a sua primeira vitória da temporada no jogo da Taça de Portugal. No campeonato, tem apenas um golo marcado, mas defensivamente os sinais são positivos – sofre poucas vezes. O que falta são só mesmo os golos?

Sim, porque é o golo que faz a diferença no futebol. Defensivamente, temos estado consistentes – em cinco jogos, não sofremos em três. É certo que perdemos com o Vizela,



SOLVERDE.PT

mas a segunda parte com o Sporting B foi a única em que não estivemos ao nosso nível. Temos tido, de facto, alguma dificuldade em fazer golo, mas a equipa tem treinado bem, todos os jogadores têm dado o seu máximo e tenho a certeza de que o golo mais tarde ou mais cedo vai aparecer. E quando aparecer que seja em grande quantidade, porque precisamos muito das vitórias.

«Aceitamos com naturalidade a exigência e ambição dos adeptos, porque também é a nossa.»

E o apoio dos adeptos será, com certeza, fundamental. Na tua apresentação falaste do quão difícil era jogar na Mata Real como adversário. O que representa agora jogar do outro lado?

Eu gosto muito da exigência que os adeptos têm. É muito importante, e nós, como jogadores do Paços, temos de ser exigentes connosco próprios e aceitar com normalidade a pressão e exigência dos adeptos. Com o Vizela, fizemos um jogo muito bom para começo de época. Perdemos, é certo, frente a um candidato à subida, mas jogamos de igual para igual com a força dos nossos adeptos. Também com o Leiria fizemos um jogo muito bom – penso que foi aquele que merecíamos mesmo ganhar – e os adeptos deram-nos uma força muito grande na segunda parte, em que fomos claramente superiores. Eles sentiram que a equipa quis vencer o jogo, e é essa mensagem que temos de passar. Tem de partir de nós. Nós queremos sempre vencer o jogo, e na nossa casa mais ainda, pois é onde teremos mesmo de fazer toda a diferença. E os adeptos são muito importantes, porque são capazes de nos empurrar em pequenos momentos que até podem nem se aperceber. Contamos muito com os Pacenses e aceitamos com toda a naturalidade a exigência e a ambição deles, porque também é a nossa.

Vamos agora recuperar o teu percurso até aqui – a começar pela infância. Que recordações tens dessa altura?

Recordo-me de ter sempre uma bola. Tenho um irmão mais novo e brincávamos sempre muito os dois. Comecei muito novo a jogar no Infesta. Tinha uns sete ou oito anos e foi mais numa de diversão, para ocupar um bocadinho o tempo – até porque a minha mãe trabalhava em São Mamede de Infesta. Depois as coisas foram surgindo naturalmente. Eu tinha algum jeito e fui subindo. Passei para o Boavista e de lá fui para o Porto. Mas, no geral, foi uma infância muito feliz, sempre com uma bola, sempre com os meus pais por perto, com uma boa estrutura, e não mudava nada.

No FC Porto foi onde passaste a maior parte da tua formação – e onde a terminaste. Foi lá que assumiste de vez querer seguir um caminho no futebol?

Foi claramente quando se deu o «click». A partir dos meus 15 anos também comecei a ir à Seleção Nacional, e o chip mudou, porque percebia que, se podia estar no meio dos melhores, então também podia almejar a algo maior. Mas até lá não. Era uma criança feliz que se divertia. Gostava muito do que fazia, adorava treinar – como ainda adoro agora – e foi sempre numa de fazer aquilo que mais gostava. Só já no Porto é que percebi que poderia dar alguma coisa.

A tua presença nos escalões de base da Seleção Nacional foi bastante consistente. Qual é a sensação de representar o país?

É indescritível. Devo ser dos jogadores com mais internacionalizações na formação. Fiz os escalões todos, joguei dois Europeus, dois Mundiais de Sub-20... Representar o país, veres o símbolo ao peito e poderes cantar o hino é uma sensação muito, muito bonita e que recordo com muita nostalgia e saudade.

Para um atleta que está a fazer a sua formação, poder aprender, digamos assim, no clube e na seleção torna-se uma grande mais-valia. Vão buscando ideias dos dois lados, vão vivendo experiências com outros jogadores também...

É um dos pontos mais positivos, claramente. Durante os estágios, convivíamos com

jogadores do Sporting, do Benfica, do Vitória, do Braga ou de outros clubes nacionais e estrangeiro também, e essas vivências eram muito importantes para nos dar uma ideia daquilo que poderíamos querer. Eram momentos muito giros, pois ficávamos duas ou três semanas de estágio, todos juntos, e criaram-se ligações que ainda agora se mantêm, ao fim destes anos todos.

Depois de tantos anos no Porto, onde também te estreaste como sénior na equipa B, ficou alguma mágoa por não ter havido uma oportunidade na equipa principal?

Ficou, mas também eram outros tempos. A equipa principal do Porto tinha acabado de ganhar a Liga Europa, era muito forte, com jogadores acima da média. No fundo, o futebol é o momento, eu não tive o meu momento e a vida seguiu. Mas, sim, se me perguntares, ficou a faltar esse bocadinho, depois de todo aquele trajeto.

Quando saís do Porto, vais para a Bélgica – a tua primeira experiência fora do país. Como é que foi dar esse passo?

Fui para uma primeira divisão e para um nível bom. O Zulte Waregem também era uma equipa que ia às competições europeias, na altura à Liga Europa, e arrisquei. Também queria essa aventura, mas não correu da maneira que eu estava à espera: só lá estive um ano e não joguei muito. Era um rapaz de 20 anos, muito novo, e a adaptação foi difícil. Não tinha nenhum jogador português ou brasileiro para poder falar no dia a dia, e às vezes até dizia que se não ligasse para casa não falava português. Isso acaba por ser duro para um rapaz de 20 anos que sai pela primeira vez do país, sozinho.

Ou seja, a difícil adaptação à rotina levou a que se tornasse difícil adaptares-te ao futebol?

Sim, uma coisa levou à outra. Quando uma pessoa não está feliz fora de campo, sente-se dentro de campo. Eu não estava muito bem fora, e não consegui corresponder às expetativas em campo – nem as minhas, nem as do clube.

O facto de ter sido uma experiência menos conseguida foi também o que te fez voltar a Portugal, para o União da Madeira?

Também. O diretor desportivo do União da Madeira também já me conhecia do Porto B e foi por aí. Eu regressava a Portugal, ao meu país, para jogar na primeira divisão, num bom projeto, numa ilha fantástica. Tudo isso fez-me querer voltar. Naquela altura, o União era um clube que estava a crescer muito, tinha umas condições de treino muito boas também e gostei bastante do grupo que lá criamos. Cresci muito durante os dois anos em que lá estive.



Em 2017/2018 começa uma série de temporadas fora de Portugal. Porquê a Roménia, primeiramente?

Para ser sincero, quando saí do União disse ao meu empresário que só ia por determinados valores, e o clube para onde fui, o CS Universitatea Craiova, foi fantástico, acedeu a tudo. Foi uma das melhores decisões que tomei. O facto de o treinador me ter ligado para me mostrar o projeto e o que queria para mim também foi importante. Tive momentos muito bons na Roménia. Tive sorte com o clube, pois é um país complicado, com a cidade, e fui muito feliz.

E foi logo na primeira época que conquistaste a Taça da Roménia, certo?

Sim, e fizemos o terceiro lugar no campeonato. Nesse primeiro ano, também joguei contra o AC Milan para a Liga Europa. O Craiova é um clube grande, é um clube que este ano está na Conference League, e é um clube muito bom, com pessoas muito sérias.

Ou seja, o país era mais complicado, mas a adaptação correu melhor...

É um país mais complicado no que diz respeito aos problemas financeiros. Mas a Roménia é um país latino, muito colado à Itália. A língua até é parecida; ao fim de seis meses já entendia tudo o que diziam e ao fim de dez já falava. Mas também tive um colega brasileiro que me ajudou muito e foi muito importante na minha adaptação. Só o facto de ter alguém que fala a mesma língua torna tudo mais simples. Na altura, o Gustavo, que é das pessoas com quem melhor me dou, ajudou-me em tudo, inclusive a encontrar casa, e andava sempre comigo de um lado para o outro nos primeiros dias – que é quando uma pessoa cai ali de paraquedas, a tentar habituar-se à nova realidade. Devo muito ao Gustavo. Correu tudo bem porque me ajudou bastante.

E como é o futebol romeno?

É bom. Tem umas cinco ou seis equipas fortes. Lá até fazem uma distinção, digamos assim, com os seis primeiros a fazerem um play-off entre eles, para dar mais emoção à parte final. E essas seis equipas são boas, são bastante niveladas. Aqui em Portugal lutariam pelo meio da tabela da primeira divisão. No estádio, nos jogos em casa, tínhamos sempre à volta de 20 mil adeptos, um grande ambiente. Claro que há equipas com menos gente, mas os romenos são um povo que vive muito o futebol e, atualmente, a modalidade está de novo em alta naquele país. É um bom país para se jogar.

Seguiu-se o MTK, na Hungria. Como foi?

Fui para a Hungria logo a seguir ao COVID. O MTK foi uma equipa que me quis muito. Ao nível das pessoas, era um bocadinho dentro do registo belga – mais frias, mais distantes. Mas também tive um brasileiro na altura que me ajudou muito na adaptação, no início, e com o tempo fui-me integrando. Confesso que me custou mais um bocadinho do que na Roménia, pois foi um ano e meio em que as coisas não correram tão bem a nível desportivo como lá, mas gostei muito de estar na Hungria. É um país muito bom, muito civilizado, e Budapeste é uma cidade extraordinária.

Na Hungria, o futebol acaba por ser vivido de uma forma mais intensa do que na Roménia?

Na verdade, na Roménia é mais intenso – lá está, são mais latinos. A Roménia é um país mais emocional como Portugal, Espanha, Itália. A Hungria não, mas é um país muito mais organizado. Regem-se muito pela maneira alemã da organização, da responsabilidade. Só que são mais frios. O campeonato também é um bocadinho diferente, porque são menos equipas – apenas 12. Há uma equipa que é muito forte, o Ferencváros – disparadamente –, e as outras estão num bom nível, mas, ainda assim, longe.



Deixas a Hungria e vais para o Irão, para o Tractor. Foi onde tiveste o maior choque?

Cultural? Tremendo! Mas eu adorei a minha experiência no Irão – também porque já vinha com uma bagagem de três países diferentes, e então cheguei ali e sabia que seria normal ver situações anormais, digamos assim. No meu primeiro treino, estavam lá todos os jogadores e um diretor decapita um bode à nossa frente. Havia imenso sangue e os jogadores aproximavam-se, metiam as mãos no sangue e de seguida passavam pelos joelhos, nos tornozelos. Para eles era uma cena normal,

porque veem aquilo como uma proteção, mas para mim... Tive de sair dali, não é? Ao fim de algum tempo comesas a "habituar-te", porque é a cultura deles. No clube, as pessoas eram extremamente simpáticas, tentavam satisfazer tudo aquilo que eu pudesse precisar; o clube tinha muito boas condições, era tremendo, e eu gostei muito do Irão – à sua maneira, no seu registo. Mas culturalmente é difícil – para mulheres é impossível. A vida para os homens é um bocado mais normal, mas para as mulheres simplesmente não dá para viver lá.

Não foste com a tua família.

Não. Fui sozinho. Mas gostei muito de estar no Irão, apesar desse condicionalismo cultural que os jogadores, na verdade, não se apercebem, porque são colocados numa bolha de proteção. Ou seja, acabamos por não sentir as coisas da mesma forma que as pessoas de lá sentem. Por isso sei que posso estar a ser injusto, mas falo apenas da minha experiência enquanto atleta.

Foram muitas as situações caricatas?

Por exemplo, nas casas de banho não há sanitas, é de pé que se faz tudo. Os telemóveis? Antiguíssimos – o 3310 é o melhor que se usa lá. É tudo muito antigo. Às refeições, vias muitas vezes os rapazes a comerem com as mãos, tipo o arroz... A cada dia, havia um episódio curioso, diferente. Como, outro exemplo, parar numa estação de serviço antes de um jogo e o clube comprar gelados para toda a gente. São situações curiosas, que aqui em Portugal até se poderia achar estranho. Mas é uma questão cultural e temos de nos adaptar.

E vive-se muito o futebol?

É a loucura deles, porque lá, devido ao regime que têm, também não há muito com o que se possam distrair. O futebol é uma dessas coisas. A seleção do Irão é muito forte na Ásia – é a seleção mais forte a seguir ao Japão, garante sempre o apuramento para os mundiais muito cedo, porque têm realmente uma seleção forte. E o campeonato também é muito disputado.

E antes do regresso a Portugal, houve uma paragem na Albânia, no FK Kukesi. Era um

campeonato um pouco mais amador?

A nível organizacional, foi claramente o país com o nível mais baixo. A nível de futebol, tem um bom futebol. A sua seleção está a progredir aos poucos, mas já consegue ter melhores resultados, melhores jogadores. O treinador é o Sylvinho, ex-jogador do Barcelona, e é visível que estão a evoluir. As próprias seleções já organizam europeus de jovens. É um país que quer progredir, vai progredir. É um país lindíssimo, e acho que as pessoas cá em Portugal começam a perceber isso também. É um país lindíssimo, com praias lindíssimas, uma capital lindíssima, mas a nível organizacional no futebol foi o país mais baixo onde estive.

Vens, então, para o CD Trofense em 2022/2023. Foi uma vontade do momento ou era algo que já equacionavas há algum tempo?

Foi uma vontade do momento. Já estava no estrangeiro há alguns anos e ainda ficaria mais algum tempo, mas o nível que apanhei na Albânia não foi o melhor... Então apareceu o Trofense e decidi rapidamente. Regressei.

A proposta da UD Leiria surge logo depois.

O Leiria surgiu logo a seguir, sim. Eu já tinha tudo praticamente acertado para ir outra vez para fora, para a Indonésia, e o Leiria apareceu com um projeto bom, com uma equipa boa, uma boa estrutura, e decidi aceitar. O meu filho também já começa a ficar maiorzinho, e questões como essa também começam a pesar nas decisões.

O que é que ainda queres fazer no futebol?

Neste nível em que estou, gostava imenso de subir de divisão. Esse é um objetivo que continuo a ter.

Uma mensagem para os adeptos.

Queria deixar uma mensagem de esperança e que acreditem no clube. O clube vai-se reerguer, claramente, porque os adeptos do Paços estão habituados a outro patamar e outra dimensão. O clube está-se a reerguer, a reconstruir, e acreditem que o Paços mais cedo ou mais tarde vai voltar onde merece.



FUTSAL | SENIORES MASCULINOS

BATERIAS RECARREGADAS PARA UMA NOVA LUTA PELO TÍTULO

Depois do final inglório da época passada, na qual a subida à II Divisão Nacional ficou apenas a um pequeno passo, a equipa sénior do FC Paços de Ferreira dreamcouch Futsal volta a apontar baterias para o campeonato. O início de outubro marca o arranque oficial da temporada 2025/2026, com uma deslocação ao terreno do GD Macedense.



AmoSteel

especialistas em aço!

«Ano novo, vida nova» é um ditado que se pode aplicar também quando falamos de épocas desportivas. É, pelo menos, assim que a equipa sénior do FC Paços de Ferreira dreamcouch Futsal encara a nova temporada, após ter ficado às portas da subida à II Divisão Nacional, em 2024/2025 – quando perdeu nas meias-finais do play-off, diante do Albufeira FC. “Demorou um pouco até passar essa fase, mas o que eu disse aos jogadores foi que eles fizeram de tudo para conseguirmos a subida. Foi mesmo até à última. Acabamos por, infelizmente, não o conseguir, mas isso já é passado. Estamos aqui para tentar novamente.” Quem o diz é Nandinho, técnico que cumpre agora o seu segundo ano ao serviço do emblema pacense.

Houve, naturalmente, “um tempo de introspeção”, mas tanto jogadores como equipa técnica já passaram essa mesma fase, conscientes de que com os erros cometidos conseguiram também crescer. O que não significa que falar da época passada não seja como “tocar numa ferida muito grande”, de acordo com o atleta Miguel Leal. “Nos atletas que transitaram da época passada existe uma mágoa e o sentimento de «morrer na praia». Depois de uma época excelente, faltou a cereja no topo do bolo, e é claro que ainda dói. Mas o que é certo é que voltaremos a tentar e este tem de ser o nosso ano”, refere.

A equipa iniciou a pré-temporada no dia 4 de setembro, mas 2025/2026 começou a ser preparada um dia depois do jogo do play-off, uma vez que o primeiro grande objetivo era manter todo o plantel. “Começamos logo a trabalhar nisso. Não fazia sentido agarrarmonos ao facto de não termos conseguido o objetivo, portanto começamos logo a tratar do plantel no dia seguinte”, recorda Nandinho. Tal como desejado, todos os atletas renovaram o respetivo contrato com o clube, e três reforços juntaram-se à lista de opções para a nova época – Carlos Alves (universal, ex-AD Penafiel), Carlos Moreira (pivot, ex-FC Estrelas Susanenses) e João Neves (guarda-redes, ex-GRC Dínamo Sanjoanense).

Dar continuidade ao trabalho e integrar os recém-chegados

Manter toda a equipa permite que o mister Nandinho possa mais facilmente dar continuidade ao trabalho que começou a ser desenvolvido no ano passado. “A pré-época tem de ser sempre exigente, com alta intensidade. Não fazia sentido o plantel todo ficar e eu alterar tudo e mais alguma coisa; portanto é tempo de relembrar algumas situações, treinar algumas coisas novas e integrar os reforços no grupo. Este é, aliás, um excelente grupo para qualquer atleta que se esteja a adaptar – e isso confirma-se com estes três reforços, que nos vão ajudar muito esta época”, acrescenta o responsável pela equipa sénior.

João Neves é o exemplo que confirma a afirmação do treinador. O guardião que soma já uma vasta experiência no futsal – incluindo participações na Liga Placard – volta a um clube que bem conhece... ainda que de outras andanças. De quando ainda era um jovem atleta no futebol de formação. “Tem sido uma boa experiência. A adaptação ao grupo tem sido ótima, as pessoas trabalham afincadamente, e todos me receberam muito bem. Não contava com menos. Já tinha algumas expetativas criadas, na realidade, mas, sinceramente, a união que o grupo tem e a forma como se relaciona e trabalha diariamente tem sido uma agradável surpresa”, revela. É essa união que fará a diferença: “Podemos ter bons valores, podemos ter boas individualidades, mas nas alturas decisivas o que vai prevalecer terá muito a ver com o espírito de equipa”.

A cumprir a sua sexta temporada com as cores do FC Paços de Ferreira – a terceira consecutiva – Miguel Leal sabe bem da importância que a união do grupo tem para o sucesso de uma época; “principalmente aqui no Paços”. “Toda a gente que aqui está identifica-se como fazendo parte de uma família, e sempre será assim. Quem chega será sempre bem integrado, e quem sai sabe que fará sempre parte do grupo”, afirma.

Duas semanas após o início dos trabalhos, a avaliação já era positiva. “Claro que o ritmo ainda não é o desejado, mas há coisas que já saem como nós pretendemos que saiam. Acredito que vamos entrar bem no campeonato”, dizia Miguel Leal. Contudo, além da parte física, a parte mental é um dos focos do trabalho do mister Nandinho para a nova temporada: “Um dos erros do passado foi mesmo não termos tido a mentalidade correta em alguns jogos. Principalmente aqui em casa. Tivemos duas derrotas que não poderíamos ter tido e acabaram por ser fatais. Perdemos por uma questão de mentalidade. Nós temos de ser iguais em todos os jogos e não só naqueles com equipas do cimo da tabela, digamos assim. Isso temos de mudar”.



“O que eu pretendo é mais do mesmo: que o Paços lute todas as semanas pelos três pontos. Sabemos que vai ser um campeonato ainda mais exigente do que o do ano anterior, com equipas que apostaram fortemente, com orçamentos muito elevados... Mas seria até um bocadinho injusto falar dos orçamentos, porque os orçamentos não jogam e lá dentro as coisas mudam. São cinco contra cinco. O Paços é um clube grande, e é sempre «obrigado» a ganhar os seus jogos. Este ano será passo a passo. Estamos já focados no primeiro jogo e nos primeiros pontos”, destaca.

A equipa do FC Paços de Ferreira dreamcouch Futsal tem uma deslocação ao GD Macedense na primeira jornada da III Divisão Nacional – um encontro agendado para as 18h00 horas do dia 04 de outubro. Para todos os desafios, o plantel pacense conta com o importante apoio dos adeptos, e João Neves faz o apelo: “Quero que nos ajudem, que marquem presença regularmente nos nossos jogos. O apoio deles é essencial, e eu acredito que vão gostar de nos ver. Somos uma equipa que joga um bom futsal e que, certamente, lhes vai dar muitas alegrias”. Apesar das dificuldades, certo é que vão “lutar em todos os jogos até ao último segundo”. Palavra do mister.

Futsal volta a ter Equipa B

Os responsáveis pela secção de futsal do FC Paços de Ferreira apostaram na criação de uma Equipa B para a época 2025/2026, que irá disputar a I Divisão da AF Porto. Nandinho vê este projeto como uma mais-valia também para a equipa sénior: “Para mim é ótimo, pois permite que a equipa principal encontre mais soluções em caso de lesões ou castigos. Mas não é só isso. A equipa B é composta por jovens atletas que acabaram de sair da formação do Paços e merecem todo o nosso carinho e atenção. A qualquer momento eles podem ser chamados. Comigo não há idades – desde que sejam competentes lá dentro, podem ser opção rapidamente”. A estreia oficial será no dia 18 de outubro, com uma receção ao FC Aliviada.



CLASSIRIBALTA

MERCADO DE TRANSFERÊNCIAS

AS ÚLTIMAS MOVIMENTAÇÕES

Entradas

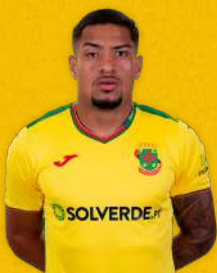


RAFA OLIVEIRA • 21 ANOS • GUARDA-REDES

O guardião chegou à Capital do Móvel proveniente do Vitória SC. Foi, aliás, no emblema vitoriano que fez praticamente todo o seu percurso no futebol, desde a formação. A estreia pela equipa principal aconteceu em março de 2023, no jogo da 23ª jornada frente ao CD Santa Clara.

Na temporada 2024/2025, Rafa Oliveira defendeu as cores do SC Covilhã – onde esteve por empréstimo.

Pelo FC Paços de Ferreira assinou um contrato válido por dois anos, com mais um de opção.



DIEGO FERNANDES • 23 ANOS • AVANÇADO

É a primeira experiência fora do Brasil para o jovem ponta de lança, que está agora ao serviço do FC Paços de Ferreira por empréstimo do Tombense FC até ao final da temporada – tendo o clube opção de compra.

Neste ano de 2025, antes de chegar à Mata Real, esteve maioritariamente ao serviço do Rio Branco AC, por empréstimo. No total, fez 32 jogos, apontou 12 golos e registou ainda uma assistência.



NUNO CUNHA • 24 ANOS • MÉDIO

O médio de 24 anos estava ao serviço do CD Tondela desde a temporada 2024/2025. Durante essa época, que terminou com a conquista do título de campeão, foi opção em 26 jogos, tendo apontado um golo e feito ainda uma assistência.

Antes de representar o emblema beirão, o último reforço a chegar aos «Castores» jogava na equipa B do SC Braga – clube que também defendeu no escalão Sub-23 e durante grande parte da sua formação.

O contrato é válido por duas épocas com mais uma de opção.

Em resumo...

- **Atletas da Formação inscritos:** Martim Silva, Rafael Cesário, Gabriel Coelho e Ricardo Yordanov
- **Saídas:** João Vale (CF Estrela da Amadora), Ivan Pavlic (Union Saint-Gilloise) e Joffrey (Rescisão)
- **Saídas por empréstimo:** André Liberal (SC Covilhã)



O dia 7 de setembro foi abalado pela morte de uma figura que ficará para sempre ligada ao momento mais alto dos 75 anos do FC Paços de Ferreira. O choque pelo súbito desaparecimento de Carlos Barbosa ultrapassou as fronteiras do clube e do município, fazendo eco em vários quadrantes da sociedade portuguesa.

Carlos Manuel Dias Barbosa, nascido há 61 anos em Moinhos - Frazão, desde cedo viveu o Clube, pois os pais tinham carros de transporte de mercadorias e também organizavam autocarros para apoiar o FC Paços de Ferreira nas deslocações pela região. Muitos anos depois, essa paixão pelo Paços fê-lo chegar ao papel de dirigente, onde começou em 1999/2000 com o pelouro das Relações Públicas na direção de Hernâni Silva. Um ano de estreia que ficou marcado pelo sucesso que pautaria grande parte da sua vida diretiva na Mata Real. Foi essa a época da recuperação fantástica na Segunda Liga, até à inesquecível final em Chaves que carimbou o regresso do Paços à Primeira Liga. Um arranque vitorioso que serviu de mote aos históricos 13 anos que se seguiriam. Carlos Barbosa demonstrou especial intuição para a gestão do plantel e, daí, rapidamente assumir o cargo de diretor para o futebol profissional. Com “dedo” para a descoberta de grandes jogadores e capacidade negocial em transferências lucrativas para o Paços, iniciou aquele que viria a ser o período dourado do Clube.

A esteia nas competições europeias em 2007 - pela classificação que garantiu ao Paços um lugar na Taça UEFA - e a final da Taça de Portugal em 2009, foram os primeiros grandes passos da afirmação do Clube a nível nacional. Sob a liderança de Fernando Sequeira, mas com o importante papel do “homem do futebol”. A ascensão de Carlos Barbosa à presidência do FC Paços de Ferreira, em 2010, foi o culminar natural de um percurso sustentado no sucesso, sendo que o melhor ainda estaria para vir. Sob a sua liderança, o Clube começou por atingir a inédita final da Taça da Liga em 2011, frente ao SL Benfica. A aposta no jovem treinador Paulo Fonseca foi o rasgo decisivo de Carlos Barbosa para a memorável temporada de 2012/2013, em que o 3º lugar na Liga e consequente apuramento para o play-off da “Champions League” marcariam para sempre a história do Clube. A emoção de ouvir o hino da Champions com o FC Paços de Ferreira em campo jamais sairá da memória de todos.

Carlos Barbosa acabou por sair definitivamente do Paços na época seguinte (2013/2014), devido a um problema de saúde. Embora tenha concorrido a atos eleitorais seguintes, aquele foi mesmo o seu último ano como dirigente, não deixando nunca de acompanhar a equipa até aos últimos dias da sua vida.

A sua morte precoce deixou um vazio em todos nós, sendo de total justiça a homenagem póstuma feita no Estádio Capital do Móvel, cuja renovação foi fruto do seu arrojo como presidente. Carlos Barbosa será sempre um nome inesquecível na história do FC Paços de Ferreira.

Lumungo e Nito nas seleções



O extremo Ronaldo Lumungo e o médio Nito Gomes integraram as convocatórias das seleções dos seus países para os jogos do mês de setembro, relativos à qualificação para o Campeonato do Mundo 2026.

Por São Tomé e Príncipe, Lumungo foi titular e apontou os dois golos dos são-tomenses frente à congénere da Guiné Equatorial (2-3). Na jornada seguinte, diante da Namíbia, voltou a assumir a titularidade e completou os 90 minutos.

Já Nito Gomes, ao serviço da Guiné-Bissau, entrou aos 68 minutos do encontro com a Serra Leoa (1-1). Na vitória frente ao Djibouti (2-0) foi, novamente, suplente utilizado, indo a jogo ao minuto 73.



Paços recebe o Sporting na Prova Rainha

No dia 25 de setembro, a Federação Portuguesa de Futebol realizou o sorteio das 3.ª e 4.ª eliminatórias da Taça de Portugal – que já contam com a presença das equipas da Liga Portugal Betclic.

Depois de eliminar o GD “Os Nazarenos”, os Castores vão agora reencontrar o Sporting CP, no Estádio Capital do Móvel. Os jogos desta fase serão agendados para o fim de semana de 18 e 19 de outubro.

As equipas ficaram também a conhecer os adversários da quarta ronda, caso carimbem o passaporte. Assim, FC Paços de Ferreira ou Sporting CP vão receber o Anadia FC ou AC Marinhense (ambas do Campeonato de Portugal), no fim de semana de 22 e 23 de novembro.



Futsal: GD Beira Ria é o adversário na Taça



A equipa sénior do FC Paços de Ferreira dreamcouch Futsal vai estreiar-se na Taça de Portugal de Futsal Placard 25/26 diante do GD Beira Ria, da Série B da III Divisão Nacional. A partida está já agendada para 19 de outubro, às 17h, no Pavilhão Municipal de Paços de Ferreira.

“O GD Beira Ria foi, curiosamente, convidado para a nossa apresentação na temporada passada. É uma equipa bastante experiente, com jogadores já com alguns anos na modalidade, por isso será, certamente, um jogo difícil”, afirmou o mister Nandinho, após o sorteio.



Desde o início da sua história, o FC Paços de Ferreira contou com o apoio de gente empreendedora da região – apoio esse de grande importância para o seu crescimento. Mais do que parceiros estratégicos ou “patrocinadores”, as empresas que estabelecem uma ligação com o clube tornam-se, automaticamente, família. A OBR Construções foi uma das mais recentes a juntar-se a este Mundo Amarelo.

Uma empresa jovem, dinâmica e já com um portfólio de grande valor em áreas como habitação, unidades industriais ou obras públicas. O Berço do Ritmo é o resultado da coragem de arriscar com a força do trabalho, sendo, aos dias de hoje, uma PME que se destaca no mercado da Construção. Foi fundada em 2008, com sede em Lustosa, por Romeu Costa, enfrentando, desde logo, a grande crise financeira que começava a instalar-se em Portugal.

“O objetivo era criar o meu próprio posto de trabalho, juntamente com alguns amigos. As coisas foram fluindo, ultrapassamos essa fase menos boa e crescemos bastante. Sabia que tinha de ser passo a passo. Primeiro tivemos a parceria de alguns clientes, depois tive a oportunidade de conseguir fazer alguns investimentos próprios. E foi correndo tudo bem”, começa por dizer Romeu Costa. O fundador da OBR Construções contava já com uma década de trabalho no ramo, conhecendo bem as movimentações do mercado e os desejos, vontades e desafios que poderia ter pela frente.

Começar é, por si só, o maior desafio, “porque tudo é novo”. “Mas o problema maior é dar continuidade. Dar continuidade ao crescimento, mantendo ou elevando certos patamares. E quando estamos num sector que entre 2010 e 2013 viu a sua situação agravada, isso torna-se ainda mais preponderante. Conseguimos crescer, conseguimos sustentabilidade, mantendo sempre o máximo respeito pelos trabalhadores”, afirma. Afinal, Romeu Costa já esteve «do outro lado», pelo que compreende com facilidade ambas as posições: “É importante respeitar sempre o trabalhador, ver o lado dele e fazê-lo ver também o lado da empresa. Não há empresas sem trabalhadores, nem trabalhadores sem empresas. Tem de haver responsabilidade de ambas as partes para se atingir o sucesso”. Esta filosofia de Romeu Costa na OBR Construções reflete-se não só na qualidade que define os seus projetos, como também serve de inspiração a quem passa pela empresa: “Acredito que somos uma boa escola e isso também proporcionou a muitos trabalhadores seguirem os seus próprios caminhos, depois de verem como a nossa empresa cresceu. Alguns funcionários de há 10,

15 anos criaram também os seus negócios, e trabalham atualmente connosco na mesma, noutras valências. O laço familiar que se criou mantem-se, e vamo-nos ajudando noutros patamares”.

No ramo da Construção todos os dias trazem algo diferente – e essa é a grande motivação, do ponto de vista de Romeu Costa. “Não há obras iguais, não há sítios de execução iguais, não apanhamos sempre as mesmas condições climáticas... Isso desafia-nos no dia a dia”, acrescenta. E, por isso, necessário um investimento contínuo na aquisição de novas ferramentas e equipamentos, permitindo otimizar os processos construtivos e melhorando cada projeto, seja no preço, seja na qualidade, fortalecendo a sua posição perante os clientes. Assim acontece também num clube de futebol.

Apoiar o clube é também apoiar a comunidade

A ligação da OBR Construções com o FC Paços de Ferreira começou na presente temporada, com a empresa a tornar-se mesmo num dos «main sponsors» da equipa profissional. Para Romeu Costa, os valores comuns que definem ambas as partes são, por si só, motivo para se estabelecer esta parceria: “trabalho, suor, esforço”.

“O povo de Paços de Ferreira é um povo trabalhador e humilde que se identifica com o clube. Sendo eu da terra, percebendo que a cidade está a crescer e que o clube não está a passar o momento que desejaria, achei que, podendo ajudar, seria sempre bom. Acredito que se deve ajudar quando é preciso e não quando as coisas já estão bem. Pois quando tudo está bem, só é preciso ajudar a guiar”, refere.

Na ótica de Romeu Costa, estabelecer uma ligação benéfica para ambas as partes com o FC Paços de Ferreira é também estabelecer uma ligação que vai ser benéfica para a comunidade. “Não nos podemos esquecer de que o FC Paços de Ferreira tem várias equipas de futebol de formação para os nossos jovens. Está a criar um bom princípio para os nossos filhos ou conhecidos. E estamos a falar do clube maior do concelho, que nos abre portas. Quando trabalhamos fora, por exemplo, dizemos que trabalhamos em Paços de Ferreira ou que somos do FC Paços de Ferreira com orgulho. Portanto, este trabalho conjunto entre as empresas, o clube e as pessoas é também para o bem da comunidade”.

Ainda que esta parceria esteja só no seu início, os votos são de que venha a ser bastante duradoura e que permita que tanto o FC Paços de Ferreira como a OBR Construções possam crescer: “Que possamos crescer para conseguirmos dar o nosso maior contributo e que o clube passe esta fase menos boa e vá para os patamares que merece. E sabemos que isso vai acontecer, mais cedo ou mais tarde. É certo que arriscar implica correr riscos, naturalmente. Por vezes corre bem, noutras nem tanto, mas é preciso continuar a lutar, ter esforço, encontrar o caminho certo e dar tempo para o sucesso aparecer. Acredito que todos podemos fazer a nossa parte. Com pouco pode fazer-se muito”.



ÚLTIMOS JOGOS

LIGA PORTUGAL MEU SUPER

- FC PAÇOS DE FERREIRA 0-0 UD LEIRIA ▪
- SPORTING CP B 3-0 FC PAÇOS DE FERREIRA ▪
- SCU TORREENSE 0-0 FC PAÇOS DE FERREIRA ▪





CLASSIFICAÇÃO

	P	J	V	E	D	GM	GS	DG
Sporting B	12	5	4	0	1	7	2	5
FC Vizela	11	5	3	2	0	9	3	6
Marítimo	10	5	3	1	1	5	2	3
UD Leiria	10	5	3	1	1	6	4	2
Feirense	8	5	2	2	1	7	3	4
Torreense	7	5	2	1	2	5	3	2
Leixões	7	5	2	1	2	7	7	0
Farense	7	5	2	1	2	5	6	-1
GD Chaves	7	5	1	4	0	7	5	2
FC Felgueiras	7	5	2	1	2	6	7	-1
Portimonense	7	5	2	1	2	7	9	-2
UD Oliveirense	6	5	1	3	1	4	4	0
Lusitânia de Lourosa	6	5	1	3	1	5	6	-1
Académico	5	5	1	2	2	7	7	0
Benfica B	3	5	0	3	2	5	7	-2
Paços de Ferreira	3	5	0	3	2	1	5	-4
FC Penafiel	2	5	0	2	3	3	7	-4
FC Porto B	1	5	0	1	4	1	10	-9



CALENDÁRIO

LIGA PORTUGAL MEU SUPER



União Desportiva
Oliveirense

F



Jornada 7
05 OUT • 11:00

TAÇA DE PORTUGAL



Sporting Clube
de Portugal

C



3.ª Eliminatória
18/19 OUT



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
A sua marca gráfica

